

## DA ORNAMENTAÇÃO À CONCEPTUALIZAÇÃO DISCURSIVA: COMO A LINGUÍSTICA TRANSFORMOU OS MODOS DE CONCEBER E INVESTIGAR A FIGURATIVIDADE

### *FROM ORNAMENTATION TO DISCURSIVE CONCEPTUALIZATION: HOW LINGUISTICS TRANSFORMED THE WAYS OF CONCEIVING AND INVESTIGATING FIGURATIVENESS*

Nathália Luiz de Freitas<sup>1</sup>

Doutora em Linguística

Instituto Federal do Sul de Minas Gerais

([nathalia.freitas@ifsuldeminas.edu.br](mailto:nathalia.freitas@ifsuldeminas.edu.br))

**RESUMO:** A linguagem figurativa tem se consolidado como um objeto de investigação importante, que é compartilhado pela Linguística com outras áreas do conhecimento. Assim, neste trabalho, com base em contribuições epistemológicas da Linguística Cognitiva, nosso objetivo é apresentar e discutir as modificações substanciais por que passaram as abordagens explicativas sobre a figuratividade. Para tanto, em termos metodológicos, partimos de uma abordagem reflexiva e eminentemente qualitativa pautada em literatura pertinente sobre o fenômeno figurativo. As modificações por que vêm passando tais perspectivas podem, ao nosso ver, ser sintetizadas na compreensão da figuratividade como sendo um fenômeno linguístico, um fenômeno cognitivo e um fenômeno cognitivo-discursivo. Observamos que a matriz das preocupações com a figuratividade tem início com a Filosofia, sendo atualmente reivindicadas por distintas áreas do conhecimento, entre as quais está a Linguística e mais especificamente a Linguística Cognitiva. Essa arbitragem interdisciplinar de perspectivas explicativas sobre a figuratividade assinala a necessidade de recorrência ao termo plural Ciências da Linguagem para caracterizar as investigações de natureza linguística contemporâneas (AUROX, 2009).

**Palavras-chave:** Figuratividade. Linguagem figurativa. Metaforicidade.

**ABSTRACT:** The figurative language has consolidated itself as an important research object, which is shared by Linguistics with other areas of knowledge. Thus, in this work, based on epistemological contributions of Cognitive Linguistics, our aim is to present and discuss the substantial changes that explanatory approaches to figurativity have undergone. Therefore, in methodological terms, we start from a reflective and eminently qualitative approach based on relevant literature on the figurative phenomenon. The changes that these perspectives have been going through, in our view, can be synthesized in the understanding of figurativity as being a linguistic phenomenon, a cognitive phenomenon, and a cognitive-discursive phenomenon. We observe that the matrix of concerns with figurativeness begins with Philosophy, being currently claimed by different areas of knowledge, among which is Linguistics and more specifically Cognitive Linguistics. This interdisciplinary arbitrage of explanatory perspectives on figurativeness points to the need to use the plural term Sciences of Language to characterize contemporary linguistic investigations (AUROX, 2009).

**Keywords:** Figurativeness. Figurative language. Metaphoricity.

---

<sup>1</sup> ORCID: <http://orcid.org/0000-0001-8958-5313>.

## **Introdução**

A natureza científica da Linguística tem entre uma de suas características a possibilidade de recortar o seu objeto, propriedade esta que torna tal ciência não só interdisciplinar, como complexa, haja vista seus numerosos fenômenos de interesse e variados métodos de investigação. O percurso de emergência das ideias linguísticas, que antecede à então definição do objeto da então Ciência da Linguagem por Saussure (2003 [1916]), evidencia, a um só tempo, a arbitragem de distintas áreas do conhecimento e a máxima de que, sendo um produto histórico, todo saber “resulta a cada instante de uma interação de tradições e do contexto” (AUROX, 2009, p. 14).

Portanto, o conjunto de construtos e modelos teóricos de que dispomos como linguistas para descrever e explicar a linguagem e as línguas está atrelado a fatores históricos, culturais, sociais e tecnológicos que se fazem presentes em um determinado período. Conforme pondera Aurox (2009), o caráter limitado do ato de saber tem uma espessura temporal, sendo o conhecimento uma realidade histórica. É com base nesse prisma que nos inscrevemos com relação ao estudo da figuratividade, tomada como um fenômeno atinente aos processos de significação e, consequentemente, passível de pertencer ao domínio investigativo da Linguística.

Tendo isto em vista, nosso objetivo é, a partir de contribuições epistemológicas da Linguística Cognitiva, apresentar e discutir as modificações substanciais por que passaram as abordagens explicativas sobre a figuratividade. Longe de intentar esgotar a temática em questão, buscamos compreender de que formas se constituíram e se transformaram as bases explicativas sobre a linguagem figurativa.

Para tanto, em termos metodológicos, partimos de uma abordagem reflexiva e eminentemente qualitativa pautada em literatura pertinente sobre o fenômeno figurativo cujo foco está nas relações (papéis, funcionamento, estruturação etc.) entre a linguagem, concebida como uma das cognições humanas, e o chamado sentido não literal, especialmente, o metafórico.

## **Um fenômeno, diferentes perspectivas**

Não é de hoje que a figuratividade está sob holofotes investigativos. Seja como ornamento do discurso, concepção que perdurou durante longo período, seja

como atributo fundamental da cognição humana, perspectiva que adveio mais recentemente, o fenômeno metafórico recebeu e tem recebido atenção de uma gama de estudiosos, filiados às mais diversas áreas científicas e linhas de pesquisa.

No terreno da Linguística, notadamente em sua vertente (sócio)cognitiva, o fenômeno metafórico é de grande interesse por estar associado aos processos de conceptualização, categorização e referenciação. As discussões sobre o funcionamento da linguagem e de sua relação com outras cognições também se servem da metaforicidade para serem levadas a cabo (MORATO, 2008), já que ela requer, para a sua produção/interpretação, uma série de processos de natureza linguística, sociocognitiva e pragmática (MOURA, 2003).

Considerando que todo saber é um produto histórico situado no espaço-tempo (AUROX, 2009), encontramos variadas abordagens explicativas sobre a linguagem metafórica. Essas diferentes perspectivas assinalam ênfases diversas sobre a figuratividade, sobretudo, no que se refere ao papel da linguagem na sua constituição, e evidenciam não só rupturas teóricas, mas também certos entrelaçamentos explicativos acerca de traços e comportamentos da linguagem figurativa.

Ao longo do percurso dos estudos sobre metaforicidade, esta vem sendo associada a diferentes “*locus*” (VEREZA, 2010) e vetores epistemológicos: o cérebro, a mente, a língua, a cognição, a cultura, o discurso – e suas interfaces. É sobre essas diferentes ênfases relativas à constituição e ao funcionamento do fenômeno metafórico que trataremos.

Assim, subdividimos o percurso histórico relativo ao desenvolvimento de abordagens explicativas sobre a linguagem figurativa, especialmente, a metaforicidade, em três agrupamentos com características ontológicas distintas. As modificações por que vêm passando as investigações podem, ao nosso ver, ser sintetizadas na compreensão da figuratividade como sendo um fenômeno linguístico, um fenômeno cognitivo e um fenômeno cognitivo-discursivo.

### **Linguagem figurativa: um fenômeno linguístico**

Seria na e pela linguagem que a metaforicidade se constitui e engendra, tendo esse fenômeno o *status* ora de recurso destinado à ornamentação da língua, ora de desvio a certo tipo de norma estilística ou de verdade entre a palavra e o mundo que rege a comunicação objetiva e inequívoca. Haveria uma transposição de significados

entre o que está sendo analogicamente comparado em uma expressão metafórica. Em termos gerais, essas seriam premissas básicas de perspectivas que consideram a metaforicidade um fenômeno de natureza predominantemente linguística.

A ótica sobre a metaforicidade cujo *locus* reside na linguagem (VEREZA, 2010) deriva de sua visão tradicional (KOVECSES, 2002), a qual, ainda que indiretamente, se associa à discussão aristotélica posta em **A arte poética**, embora o filósofo não tenha, de fato, produzido uma teorização sobre o fenômeno metafórico. Tal visão tradicional de linguagem confere à metáfora o estatuto de figura, na qual um termo – que não é legítimo ou próprio à denotação, portanto, figurativo – é utilizado no lugar de outro – que é verdadeiro, claro e objetivo, logo, literal.

Nessa perspectiva, a metaforicidade consistiria em uma transferência de sentido de um termo para outro. Segundo Aristóteles (1959, p. 33), “a metáfora é a transposição do nome de uma coisa para outra, transposição do gênero para a espécie, ou da espécie para o gênero, ou de uma espécie para outra, por analogia”. Trata-se de uma figura que, como tal, não tem função fulcral na significação, mas, se usada com moderação, pode produzir efeitos desejáveis à elocução. No entanto, o uso figurativo pode ofuscar a verdade, conforme sugeriu Aristóteles:

A vulgaridade e a trivialidade serão evitadas por meio do termo dialetal, da metáfora, do vocábulo ornamental e das demais formas anteriormente indicadas; mas o termo próprio é o que dá clareza ao discurso. [...] servir-se com exagero de metáforas, de termos dialetais, de formas análogas, é o mesmo que provocar o riso de propósito. [...] Se, em vez destes vocábulos estranhos, das metáforas e de outras figuras de palavras, usarmos palavras correntes, ver-se-á que dizemos a verdade (ARISTÓTELES, 1959, p. 36).

Esse cuidado para o qual atentou Aristóteles provém do fato de que, nessa concepção, o termo figurado não estabelece relação direta entre o mundo real e a expressão, processo que seria típico da literalidade. A metáfora, por outro lado, provoca determinadas distorções, uma vez que, na transposição feita, a expressão figurada carrega suas conotações específicas, que não condizem com o que se pretende significar, o que faz com que o tropo seja tanto supérfluo quanto anômalo.

Vale salientar que, segundo assinala Vereza (2010), a perspectiva da metáfora como sendo de caráter ornamental resulta de um processo reducionista pelo qual passou a retórica. Baseando-se em Genette (1975), a linguista argumenta que das dimensões aristotélicas *inventio*, *dispositio* e *elocutio*, criadas pelo filósofo grego

para caracterizar a retórica, somente a última delas recebeu interesse, a qual, por sua vez, abrange o uso do léxico e das figuras da linguagem, em detrimento das outras duas, que englobam fatores lógico-discursivos. Cumpre enfatizar que a questão levantada não é consensual. O que queremos destacar é que a tradição retórica concebia a figuratividade, em termos abrangentes, como um fator relativo à dimensão *elocutio*, concernente à produção do texto em seu caráter semiótico e, em especial, à relação dessa materialidade textual com a prova do *pathos*.

Assim, para Vereza (2010), a retórica reduzida é a dos tropos, condição que levou a metáfora a também se reduzir, no caso, ao seu nível estritamente linguístico e de ornamentação, sem qualquer efeito cognitivo. Esse percurso, no entanto, parece ter sido fundamental para fixar o fenômeno metafórico ao *locus* da linguagem, que já estava presente, ainda que sem teorização sistemática ou pretensão de conceituação de metáfora, nos escritos aristotélicos. Nessa abordagem, a língua serve apenas para exteriorizar o que é da ordem do pensamento, de forma a espelhá-lo, o que contribui para demarcar a separação entre o que está no domínio da cognição e o que está no domínio da linguagem.

### **Linguagem figurativa: um fenômeno cognitivo**

A metaforicidade seria um tipo de processamento mental/cognitivo, que está associado diretamente à forma como pensamos, ao modo como perspectivamos, conceptualizamos, categorizamos e nos referimos por meio da linguagem. Mais do que uma transposição de significados, ocorreria a reorganização dos traços de sentido pertencentes aos termos que participam da metaforização, de modo a haver a criação de novos conceitos. Esses são alguns dos pontos essenciais de abordagens que consideram a metaforicidade como sendo de ordem fundamentalmente cognitiva.

A concepção de que o fenômeno metafórico pode não apenas servir como adorno poético ou recurso destinado a fins retóricos, mas participar ativamente do processo de significação é afirmada por diferentes estudiosos no decorrer do século XX. Podemos subdividir essa perspectiva entre aqueles que veem a metaforicidade como um processo cognitivo, posição de Richards (1936) e Black (1968; 1993), e os que a entendem como sendo responsável por parte significativa da cognição, conforme Lakoff e Johnson (1980), bem como uma série de outros pesquisadores

cujos estudos advêm de desdobramentos, principalmente, da Teoria da Metáfora Conceptual (LAKOFF; JOHNSON, 1980).

Como propõe Vereza (2010, p. 204), ao estar no *locus* do pensamento, a metáfora consiste em

um importante recurso cognitivo usado, não só para se “referir” a algo por meio de outro termo mais indireto, mas, de fato, construir esse algo cognitivamente, a partir da interação com um outro domínio da experiência. Dessa forma, a metáfora não seria apenas “uma maneira de falar”, mas sim de pensar (ou até mesmo de “ver”) o real de uma determinada forma e não de outra.

Partindo dessa ótica, embora também constitua a poesia e possa fazer parte de técnicas retóricas, o fenômeno metafórico está presente na linguagem ordinária. No entanto, as abordagens iniciais que identificam a metáfora como sendo uma figura de pensamento estão inscritas no âmbito da Teoria da Literatura (RICHARDS, 1936) e da Filosofia Analítica (BLACK, 1968). Essas teorizações concebem que tal fenômeno é um modo de pensar, de modo que a capacidade de produzir/interpretar metáforas é uma característica da cognição humana (MOURA, 2008).

De acordo com Richards (1936), em sua Teoria da Interação, numa metáfora, estão presentes, ao mesmo tempo, dois pensamentos, os quais, ao interagirem, resultam em uma nova significação. Para o autor, há um processamento conceptual: “quando usamos uma metáfora, nós temos dois pensamentos de duas coisas ativas diferentes juntas, e sustentadas por uma única palavra, ou frase, cujo sentido é resultado de sua interação” (p. 93).

Assim, não se trataria de uma transferência de significados que vai do literal para o metafórico e tem como escopo a palavra, mas de um processamento discursivo. Segundo Richards, não existe sentido denotativo ou conotativo, pois a significação depende do contexto, de forma que a metáfora surge no uso, o qual, por sua vez, é direcionado pelo pensamento. A linguagem, por si mesma, não é capaz de definir a forma e o significado de uma expressão metafórica.

A perspectiva de Richards se afasta da língua e se aproxima do discurso, tendo, para isso, como principal ferramenta a cognição. Conforme o estudioso, “a metáfora é um empréstimo entre [pensamentos] e um intercurso de pensamentos, uma transação entre contextos. O pensamento é metafórico, e procede por comparação, e as metáforas da linguagem derivam daí” (p. 94). Richards ainda

especificou o caráter binário do fenômeno metafórico, decompondo esse tipo de enunciado em teor e veículo, os dois conceitos que compõem a metáfora.

É importante ressaltar que embora Richards reconheça a metaforicidade como um modo de pensar que faz parte da linguagem ordinária e situe o fenômeno metafórico em um nível discursivo-contextual, a sua perspectiva realça a interação e a comparação. Esse enfoque recobre parcialmente a metaforicidade, já que a comparação é apenas uma das operações cognitivas que produzem a metaforização (MORATO; FREITAS, 2017) e a interação não se dá entre dois pensamentos em sua totalidade, mas entre alguns de seus traços, pois há a seleção dos elementos que constituirão o conceito metafórico derivado (KOVECSES, 2005).

Black (1968) parte de alguns dos pressupostos de Richards para postular que a metáfora consiste em um instrumento cognitivo que possibilita conhecer o mundo de uma forma específica. Em sua ótica, a figuratividade permite que sejam construídas perspectivas cognitivas, de modo que as palavras são apenas as condutoras dos conceitos construídos. Portanto, para o autor, o fenômeno metafórico tanto cria novos sentidos, como é responsável por diferentes formas de conhecer a realidade.

Nos estudos desenvolvidos pelo estudioso, a metáfora tem ainda mais importância no processamento cognitivo. Segundo Black (1993), na produção metafórica, não estamos meramente comparando A com B ou pensando em A sob a forma de B. Há bem mais que isso: aquele que elabora a metáfora produz um “*flash of insight*” quando percebe A e B. Além disso, certas expressões metafóricas nos permitem visualizar aspectos da realidade que elas próprias ajudam a construir.

De acordo com Black (1993), as metáforas criam similaridades na mente, de modo que as expressões explicitam essas criações. Ele sugere que “o enunciado metafórico não é um substituto para a comparação formal ou qualquer tipo de enunciado literal, mas tem suas capacidades distintivas e suas realizações” (p. 37). Observa-se, portanto, a sua perspectiva interativa sobre o fenômeno metafórico, a qual se associa à ideia de indeterminação, uma vez que a mesma expressão figurativa pode ter diferentes e até conflitantes interpretações.

Ainda que Black identifique o poder criativo da metáfora, que é capaz de propiciar diferentes modos de conceptualizar a realidade, e a sua indeterminação, que permite a produção de múltiplos sentidos, na perspectiva do autor, o fenômeno metafórico é mental, sendo a língua apenas o canal condutor dos conceitos

produzidos. Essa abordagem desconsidera a via de mão dupla entre cognição e discurso que parece caracterizar a metaforicidade, já que a concebe como um processo unidirecional e ignora a natureza social do pensamento humano.

A virada paradigmática nos estudos da metáfora sob o viés cognitivo ocorre a partir do advento da Teoria da Metáfora Conceptual (LAKOFF; JOHNSON, 1980), doravante TMC, cuja abordagem passou a considerar a metáfora como processo integrante do nosso sistema conceptual, isto é, um modelo cognitivo que conduz a compreensão humana sobre o mundo. De acordo com a teoria, esse sistema conceptual humano é, em grande parte, metafórico por natureza, de forma que a metáfora, evidente na língua, está presente na percepção de mundo e no processo interpretativo. Nosso sistema conceptual consiste em um produto do tipo de seres que somos e das formas como interagimos com nossos ambientes físico e natural.

Os conceitos metafóricos, isto é, as metáforas conceptuais, podem ser concebidos como componentes de um inconsciente cognitivo coletivo, de modo que os usos de linguagem metafórica, observados nas marcas linguísticas, seriam licenciados por seus tipos subjacentes (LAKOFF; JOHNSON, 1980). Assim, uma metáfora conceptual realiza-se no discurso por meio de metáforas linguísticas, ou expressões metafóricas, realização esta denominada de licenciamento, na medida em que a atividade verbal se vincula à representação mental da metáfora.

De acordo com Lakoff e Johnson (1980), à metáfora linguística subjaz uma metáfora conceptual que faz o mapeamento entre dois domínios distintos, resultando em um conceito metafórico específico. Por exemplo, na metáfora conceptual VIDA É VIAGEM, tem-se uma ligação entre o domínio de vida e o domínio de viagem, da qual advém o conceito metafórico de vida, responsável pela produção e compreensão de metáforas linguísticas como “ele está sem direção na vida” e “a sua vida está passando muito rápido” (KOVECSES, 2006). Segundo Lakoff e Johnson (1980), metáforas linguísticas, como as indicadas, não necessariamente evidenciam um conceito metafórico subjacente de vida, no caso, consistindo em modos convencionais de se expressar sobre a vida. No entanto, sua metaforicidade torna-se patente em virtude de elas realizarem mapeamentos sistemáticos entre os domínios vida e viagem, havendo diversas expressões que relacionam os dois de modo semelhante. A metáfora seria um conjunto de mapeamentos entre domínios (KOVECSES, 2005).



As metáforas conceptuais consistem em conjuntos de correspondências obtidas entre um domínio fonte - mais concreto, aquele do qual são mobilizadas as informações para entender o domínio alvo - e um domínio alvo - geralmente um conceito abstrato (LAKOFF; JOHNSON, 1980). No caso de VIDA É VIAGEM, o domínio fonte é viagem, e o domínio alvo é vida. As metáforas linguísticas, cujo interesse pela TMC foi escasso, são analisadas a partir das categorias veículo, isto é, expressão linguística que predica algo sobre o tópico, e tópico, que consiste na entidade da qual se fala na metáfora (CAMERON, 2003).

Somente determinados aspectos do domínio fonte ou do domínio alvo participam do processo metafórico, de maneira que, ao sugerirmos que uma metáfora conceptual pode ser formalizada como A é B, apenas certos traços dos conceitos são selecionados e estão envolvidos. Assim, há mecanismos de destaque e de ocultação na focalização seletiva dos aspectos do domínio alvo, bem como de uso na seleção de traços de um domínio-fonte (KOVECSES, 2005).

O arcabouço teórico-filosófico da TMC motivou o desenvolvimento de muitas pesquisas sobre a metáfora. Tendo por centralidade a cognição no processamento metafórico, pesquisadores de vertentes da Linguística Cognitiva passaram a empreender estudos sobre diferentes aspectos relativos à metaforicidade.

Grady (1997) faz parte desse grupo de estudiosos ao propor a Teoria da Metáfora Primária, doravante TMP, segundo a qual as metáforas conceptuais não figuram como o nível mais básico de mapeamento, havendo, por outro lado, uma sólida correlação de experiências corpóreas rotineiras que geram as metáforas primárias. Conforme o autor, esse tipo de metáfora provém de correlações entre distintas e básicas dimensões de experiências corpóreas recorrentes e co-ocorrentes, as quais associam-se às nossas interações com o mundo, bem como independem de influências culturais e, por isso, devem estar presentes em todas as línguas.

De acordo com a TMP, os mapeamentos básicos são feitos a partir de isomorfismos percebidos entre elementos de experiências próximas no que se refere a tempo e espaço, denominados de cenas primárias, a base do processamento metafórico. A cena primária configura-se como uma representação cognitiva de uma experiência recorrente que envolve a correlação entre o domínio fonte – de conteúdo sensorial, um esquema de imagem – e o domínio alvo – abstrato e que abrange respostas ao *input* sensorial. Os domínios fonte de uma metáfora primária referem-se

necessariamente a aspectos universais da experiência humana, contrariamente ao que propôs a TMC, cuja concepção era de que a criação de metáforas resultava do fato de alguns domínios serem muito abstratos, o que exigiria o uso de domínios físicos para expressá-los, não havendo relevância significativa da experiência sensorial e nem especificações sobre interferências culturais.

O fato de a TMC não atribuir relevância significativa à experiência sensorial no processo de metaforização conceptual não indica que essa abordagem teórica desconsidera a corporeidade – inclusive, em sua tipologia metafórica, a própria perspectiva estabelece as metáforas orientacionais como sendo tributárias da relação do homem com a sua orientação espacial. O que estamos salientando é que a TMC atribui à necessidade de tornar mais concretos alguns domínios muito abstratos a origem das metáforas conceptuais.

Conforme a perspectiva de Grady (1997), as expressões metafóricas podem basear-se em metáforas conceptuais de diferentes tipos ou de metáforas criadas a partir de correlações entre experiências corpóreas de níveis distintos e de metáforas que abrangem outros mecanismos cognitivos, como as metáforas de semelhança, de nível genérico e de imagem. Há também a metáfora composta, que consiste em um complexo constituído de, pelo menos, duas metáforas primárias. Assim, haveria metáforas primárias, como MUDANÇA É MOVIMENTO (ela ainda vai chegar à fase adulta), e metáforas compostas, como TEORIAS E ARGUMENTOS SÃO CONSTRUÇÕES (sua linha argumentativa não se sustenta). As expressões metafóricas são licenciadas pelo mapeamento das cenas primárias, e não a partir do mapeamento entre domínios, ocasionado pela metáfora subjacente, como na TMC.

Lakoff e Johnson (1999) integraram a TMP à TMC, de modo a justificarem o princípio de motivação experiencial e conseqüentemente, o princípio de corporização do pensamento e da linguagem, apontando que todas as metáforas primárias tendem a estar relacionadas à experiência, o que não ocorre com as metáforas complexas. A Teoria dos Esquemas Imagéticos (LAKOFF, 1987; JOHNSON, 1987;) complementa a integração das perspectivas da TMP e da TMC. Segundo essa visão, são os esquemas imagéticos, ou seja, os padrões de nossos movimentos espaciais, das manipulações que efetuamos de objetos e de interações perceptuais – ambos os três emergentes da experiência básica, como EM CIMA/EM BAIXO, CAMINHO, e de variados esquemas, como FORÇA – a natureza sensório-motora das metáforas.

A TMC e os seus desdobramentos, tais como a TMP e a Teoria dos Esquemas Imagéticos, agregaram avanços significativos para os estudos sobre a metaforicidade em uma perspectiva cognitivista, sobretudo quando essas teorizações são comparadas às feitas por Richards e Black. A natureza figurativa do sistema cognitivo, a sistematicidade das metáforas conceptuais, assim como as propriedades sensoriais, perceptuais e corpóreas da metaforicidade são algumas das principais contribuições. No entanto, ao tentarem explicar a natureza e o funcionamento do fenômeno metafórico, as referidas perspectivas apresentaram determinadas inconsistências teórico-metodológicas que inviabilizaram a compreensão do processo de metaforização.

Entre essas inadequações, podemos destacar a concepção de que o corpo constitui uma instância individualizada, de modo que a metaforização se engendra em um nível subjetivo, em vez de emergir na interação entre os indivíduos que fazem parte de uma coletividade social. Além disso, a primazia da cognição, tomada apenas como pensamento em nível interno, sobre a linguagem e as práticas textual-discursivas desconsideram as relações interconstitutivas e a natureza social que caracterizam os processos cognitivos. Nessas abordagens, a língua(gem), tal qual para Black, não tem responsabilidade direta sobre o processo de metaforização, consistindo apenas no meio de sua produção.

A teorização sobre a existência necessária de metáforas conceptuais que são atualizadas em metáforas linguísticas também é problemática. Como já salientamos, a TMC sugere que, ao se tratar de esquemas abstratos que realizam mapeamentos sistemáticos, parciais e unidirecionais, as metáforas conceptuais manifestam-se por meio de metáforas linguísticas, de forma que “as metáforas como expressões linguísticas são possíveis precisamente por existirem metáforas no sistema conceptual” (LAKOFF; JOHNSON, 1980, p. 48). Contudo, um número significativo de expressões metafóricas recorrentes em nosso cotidiano não evidencia a subjacência de metáforas conceptuais, o que põe em xeque essa unidirecionalidade do pensamento para a língua e indica que muitas construções figurativas são produzidas de forma situada a partir de outros mecanismos que não só as estruturas abstratas.

## Linguagem Metafórica: um fenômeno cognitivo-discursivo

O fenômeno metafórico seria fruto de uma articulação entre língua, cognição e discurso, instância esta em que se dá a sua criação, organização, reestruturação e convencionalização. Seria no uso da língua que a metaforicidade emerge, estando diretamente associada a contingências pragmáticas, sociais e culturais, bem como à multidimensionalidade da significação, que caracterizam o funcionamento da linguagem. Tais parâmetros norteiam as perspectivas que concebem a metáfora como sendo de ordem cognitivo-discursiva.

De modo geral, as abordagens discursivas provêm das constantes problematizações por que vem passando a TMC. Discutida sob o enfoque filosófico, psicológico e linguístico, as teorizações de Lakoff e Johnson (1980; 1999) receberam diversas críticas, principalmente, no que diz respeito às limitações descritivas e explicativas da abordagem, que se ateve à hipotetização de suas formulações, já que as evidências para as sustentar careciam de ocorrências empíricas (SEMINO *et al.*, 2004; DEIGNAN, 2005).

Os estudos desenvolvidos com base na TMC abordam a linguagem como um todo indiferenciado, não fornecendo explicações ou dados sobre o uso metafórico na comunicação (DEIGNAN *et al.*, 2013). Uma decorrência dessa perspectiva trabalhar essencialmente com exemplos criados e descontextualizados configurou-se nas críticas quanto a sua não consideração da variabilidade, dinamicidade e regulação sociocognitivo-discursiva típicas da linguagem em uso. Sobre isso Steen (2007) alerta que qualquer uso que fazemos da língua é regulado pelo gênero, de modo que a usamos em ocasiões específicas, em configurações particulares e a partir de determinadas expectativas.

A partir das críticas tecidas, em um primeiro momento, passou-se ao desenvolvimento de estudos que visavam à identificação de metáforas conceptuais em *corpora* autênticos (GIBBS, 1999). Em seguida, com base na observação de que o discurso não consiste somente no *locus* de manifestações linguísticas de metáforas conceptuais, mas também de articulações cognitivas e pragmáticas, assim como da emergência de novas metáforas conceptuais, os metaforemas (DEIGNAN; CAMERON, 2013), uma abordagem em que a metáfora é investigada no processo de significação do discurso *on-line* teve início (SEMINO, 2008).

Esse novo paradigma de pesquisa tem explorado formas pelas quais a linguagem figurativa é usada em situações comunicativas autênticas, em domínios da política, educação, medicina, negócios etc., tendo em vista as diferentes funções desempenhadas, como avaliar, explicar, persuadir, apoiar ideologias, entreter (CAMERON, 2003). Os *corpora* utilizados nos estudos filiados às abordagens discursivas da metáfora reúnem diferentes modalidades da língua e gêneros de texto, de modo a terem como núcleo de intersecção a premissa de que a linguagem, com todas as suas complexidades e indeterminações, é o objeto de investigação.

Observa-se um corte epistemológico significativo, já que uma metáfora não é vista mais como um mapeamento fixo e estático, segundo sugere a TMC, mas como uma estabilidade temporária, que provém de atividades desenvolvidas nos sistemas interligados de usos cognitivo e social (CAMERON *et al.*, 2009). Assim, a metáfora, tanto a conceptual como a linguística, passa a ser processual, emergente e aberta a mudanças (CAMERON *et al.*, 2009).

Cameron e Deignan (2006) propõem que a relação entre linguagem e cognição é estabelecida por uma interação bidirecional no interior de um único sistema complexo, do que resulta ser a metáfora um fenômeno conceptual e linguístico, a um só tempo. Segundo as autoras, o processamento do conteúdo ideacional de uma metáfora não ocorre apartado de sua forma linguística, sendo ambos aprendidos, armazenados e produzidos juntos no discurso *on-line*. Seguindo essa proposição, a linguagem metafórica e o pensamento metafórico são interdependentes, com influência mútua. Trata-se de uma abordagem que demanda a noção de correlação incorporada e experiencial, o componente sociocultural e o postulado de que o desenvolvimento da metáfora – em termos de indivíduos e de comunidades discursivas – ocorre na dinâmica do uso situado da linguagem.

Parte-se, nesse enfoque, do pressuposto de que, no discurso, são constituídos repertórios culturalmente compartilhados de metáforas, os quais são possíveis também por um tipo de cognição incorporada que permite o conhecimento e o entendimento do mundo através de experiências que envolvem percepção e afetividade (CAMERON; SEU, 2012). A chamada perspectiva emergentista da metáfora (CAMERON; DEIGNAN, 2006) reúne aspectos socioculturais, conceptuais e linguísticos no uso para analisar o fenômeno metafórico.

Cameron e Deignan (2006) empregam algumas propriedades da noção de sistemas dinâmicos complexos para tratar de sua visão emergentista. De acordo com as pesquisadoras, esse construto diz respeito a sistemas de elementos conectados e interativos que estão em constante fluxo. Neles, tanto os elementos, quanto as suas relações se modificam com o passar do tempo, o que os configura como não-lineares. Os sistemas complexos abrangem cérebro/cognição, linguagem e recursos conceituais, os quais operam em múltiplos níveis e tempos (CAMERON, 2003), sendo conjuntos de estruturas e processos dos quais resultam o discurso.

Nessa ótica, ao serem constituintes de um sistema dinâmico complexo, linguagem e pensamento interconectam-se e atuam na emergência de estabilidades, como as que são características de expressões metafóricas semi-fixadas, como pagar um preço alto e bagagem emocional, tipificação cuja fixação e frequência produzem estabilização (DEIGNAN; CAMERON, 2013).

De acordo com Deignan e Cameron (2013), o processamento figurativo faz parte de uma estrutura complexa de sistemas dinâmicos nos quais as metáforas conceptuais agem como uma força que, ao lado de outras forças de natureza linguística e pragmática, por exemplo, contribui para a emergência de metaforemas, as metáforas linguísticas.

Segundo essa perspectiva, em situações de interação, as metáforas são negociadas e construídas conjuntamente pelos falantes (CAMERON, 2003). Para dar conta da complexidade de tal fenômeno, além dos metaforemas, outras unidades de análise foram elaboradas, como a metáfora sistemática, a metáfora situada e o nicho metafórico. A metáfora sistemática (CAMERON, 2008) consiste em uma metáfora cognitiva subjacente ao discurso, localizada em textos específicos, e evidenciada por marcas linguísticas metafóricas. Já a metáfora situada (VEREZA, 2013) e o nicho metafórico (VEREZA, 2007; 2010) contribuem para a compreensão da metaforicidade textualmente tecida, com base em desdobramentos textuais de uma ou mais metáforas locais e episódicas.

De acordo com Vereza (2013), a metáfora situada guia, em termos cognitivos e discursivos, todo um desdobramento, ou mapeamento textual, *on-line*, episódico, de forma a construir um determinado objeto de discurso, ou um ponto de vista, deliberadamente. Enfocando a figuratividade como um recurso organizacional do discurso, o nicho metafórico (VEREZA, 2007; 2010) cria, cognitivamente, redes de

sentido cuja função é primordialmente argumentativa, remetendo a um desdobramento metafórico tecido em uma unidade semântico-discursiva, do que podem resultar ou uma metáfora textualmente específica de base, ou articulações com metáforas conceituais de natureza mais universal.

Considerando as características linguísticas, cognitivas, pragmáticas e socioculturais da metáfora, bem como a natureza multimodal da linguagem (KRESS; VAN LEEUWEN, 2001), um desdobramento importante das perspectivas não estritamente cognitivistas é a abordagem metafórica nos diferentes modos de organização discursiva. Forceville (1996) vem caracterizando o fenômeno metafórico em variadas modalidades semióticas, de maneira a demonstrar a complexidade das metáforas não verbais, bem como as formas de sobreposição dos modos nos processos de produção e interpretação figurativa.

A partir do advento da concepção de que a linguagem em uso, ou o discurso, não figura apenas como o universo de manifestações linguísticas de metáforas conceituais, mas como o espaço privilegiado de articulações cognitivas e pragmáticas e até mesmo de emergência de novas metáforas conceituais (“metaforemas”, segundo CAMERON; DEIGNAN, 2006) é que a linguagem recuperou, pelo menos parcialmente, o seu estatuto de *lócus* da metáfora.

Teórica e empiricamente vantajosa, a perspectiva de que a metaforicidade é um fenômeno cognitivo-discursivo-pragmático rompe com a ideia de que o processamento metafórico tem caráter unidirecional, ou seja, vai do pensamento para a linguagem, já que evidencia que as práticas discursivas são o espaço de excelência para a emergência de metáforas. Essa abordagem ainda explicita a natureza processual, emergente e suscetível a modificações do fenômeno metafórico, o qual deixa de ser concebido como um conjunto de mapeamentos conceituais sistemáticos e fixos, passando a ser compreendido como uma estabilidade momentânea resultante de práticas sociocognitivas sistêmicas.

### **Linguagem figurativa como conceptualização discursiva**

A história dos saberes sobre [e pela] linguagem é constituída por seus desenvolvimentos, suas interações e pela transposição da tematização de um determinado tipo de fenômeno para outro (AUROX, 2009). Portanto, nada mais natural do que haver reorientações epistemológicas, reestruturações teóricas, assim como

articulações de certos princípios e caracterizações atinentes a abordagens explicativas de diferentes ordens no que respeita à linguagem metafórica.

Podemos observar nessa tentativa de agrupamento ontológico de perspectivas explicativas sobre a linguagem metafórica uma trajetória que vai dos estudos filosóficos às pesquisas interdisciplinares. Se o início das preocupações com a figuratividade de que temos registro nasce com Aristóteles, atualmente, elas são reivindicadas por distintas áreas do conhecimento, entre as quais está a Linguística e mais especificamente a Linguística Cognitiva.

Essa arbitragem interdisciplinar de perspectivas explicativas sobre a figuratividade evidencia as ponderações de Aurox (2009), que assinala a necessidade de recorrência ao termo plural Ciências da Linguagem para caracterizar as investigações de natureza linguística. De acordo com o autor: “não apenas nossa informação histórica aumentou consideravelmente, como nosso ponto de vista sobre o que seja ou não uma ciência da linguagem evoluiu” (p. 12).

É justamente em uma ótica que articula conhecimentos de várias áreas para descrever e explicar o fenômeno figurativo que se baseiam as perspectivas mais recentes e influentes sobre a linguagem figurativa, que aqui denominamos sintética e esquematicamente de conceptualização discursiva. Trata-se de uma abordagem que concebe a metaforicidade em termos multidimensionais, convocando elementos e processos de domínios diversos, ainda que necessariamente interconectados, englobando as dimensões cognitiva, linguística, discursiva e pragmática.

Nesse prisma, a metaforicidade ancora-se em dimensões linguísticas, conceptuais, pragmáticas e textual-discursivas, que, por sua vez, envolvem variados elementos e processos, demandando outras cognições além da linguagem e práticas socioculturais. Considerando o funcionamento integrado desses domínios na constituição do sentido, além de características próprias dos diferentes tipos de expressões metafóricas, a metaforicidade, sobretudo na linguagem em uso, é um fenômeno de abordagem complexa.

Somente uma abordagem que concebe a linguagem figurativa como sendo um fenômeno cognitivo, linguístico e discursivo-pragmático, isto é, não uma propriedade especificamente linguística ou majoritariamente cognitiva, torna-se capaz de corresponder ao nosso *frame* de pesquisa. Ademais, tratar o fenômeno metafórico



como de natureza e funcionamento multifatorial permite que ofereçamos respostas plausíveis em termos teórico-metodológicos às questões de pesquisa.

## **Conclusão**

As distintas e muitas vezes complementares visões apresentadas assinalam, cada qual, determinados fatores e mecanismos que consideram ser cruciais à significação metafórica. Por seu caráter relacional, dinâmico e interativo, as abordagens que entendem a metáfora como sendo um fenômeno cognitivo-discursivo preenchem de maneira mais satisfatória as lacunas explicativas deixadas pelas propostas de ordem estritamente linguística ou fundamentalmente cognitiva.

Além disso, vale lembrar que “todo conhecimento é uma realidade histórica, sendo que seu modo de existência real não é a atemporalidade ideal da ordem lógica do desfraldamento do verdadeiro, mas a temporalidade ramificada da constituição cotidiana do saber” (p. 12). Logo, as teorizações sobre a linguagem figurativa que foram pontuadas neste trabalho se constituem em um percurso não linear, marcado por diferentes contingências sociohistóricas e variados objetivos investigativos, características que são típicas do fazer científico.

O caráter histórico da construção dos saberes sobre a linguagem revela ainda o fato de que esse processo está diretamente relacionado ao desenvolvimento de tecnologias que possibilitam o refinamento de pesquisas empíricas e a proposição de modelos teóricos. Especificamente à linguagem figurativa, as modificações substanciais por que passaram as suas perspectivas explicativas são tributárias, em grande medida, de estudos neurocientíficos e psicológicos que, a partir do emprego de técnicas acuradas, vêm permitindo compreensões mais detalhadas do seu funcionamento. Certamente, com o advento de novos aparatos tecnológicos, esses conhecimentos de que agora fazemos uso serão ressignificados.

## **Referências**

ARISTÓTELES. **Poética**. Tradução de Antônio Carvalho. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1959.

AUROUX, S. **A revolução tecnológica da gramatização**. Trad. Eni Puccinelli Orlandi. 2 ed. Campinas: Ed. da UNICAMP, 2009.

BLACK, M. Metaphor. In: **Models and Metaphors Studies in Language and Philosophy**. New York: Itaca, p. 25-47, 1968.

BLACK, M. More about metaphor. In: ORTONY, A. (Ed.). **Metaphor and thought**. Cambridge: Cambridge University Press, 1993.

CAMERON, L. **Metaphor in educational discourse**. London: Continuum, 2003.

CAMERON, L. Metaphor shifting in the dynamics of talk. In: ZANOTTO, M. S. *et al.* **Confronting metaphor in use: an applied linguistic approach**. Amsterdam: J. Benjamins, 2008.

CAMERON, L.; DEIGNAN, A. The Emergence of Metaphor in Discourse. **Applied Linguistics** 27(4), 2006, p. 671-690.

CAMERON, L.; MASLEN, R.; TODD, Z.; MAULE, J.; STRATTON, P.; STANLEY, N. The discourse dynamics approach to metaphor and metaphor-led discourse analysis. **Metaphor and Symbol**, 24(2), 2009, p. 63–89.

CAMERON, L.; SEU, I. B. Landscapes of empathy: Spatial scenarios, metaphors and metonymies in responses to distant suffering. **Text & Talk**, 32(3), 2012, p. 281-305.

DEIGNAN, A. **Metaphor and Corpus Linguistics**. Amsterdam: John Benjamins, 2005.

DEIGNAN, A.; CAMERON, L. A Re-examination of UNDERSTANDING IS SEEING. **Journal of Cognitive Semiotics** Vol. V No. 1-2 Conceptual Metaphor Theory: 2013.

DEIGNAN, A.; LITTLEMORE, J.; SEMINO, E. **Figurative Language, Genre and Register**. Cambridge University Press, 2013.

FORCEVILLE, C. **Pictorial metaphor in advertising**. USA: Routledge, 1996.

GIBBS, R. W. Taking metaphor out of our heads and putting it in the cultural world. In: GIBBS, R.; STEEN, G. (eds): **Metaphor in Cognitive Linguistics**. Amsterdam: John Benjamins, 1999.

GRADY, J. "Theories are buildings" revisited. **Cognitive Linguistics** 8/3: 1997, p. 267–90.

GRADY, J. A typology of motivation for conceptual metaphor: Correlation vs. resemblance'. In: GIBBS, R.; STEEN, G. (eds): **Metaphor in Cognitive Linguistics**. Amsterdam: John Benjamins, 1999.

JOHNSON, M. **The Body in the Mind: The Bodily Basis of Meaning, Imagination, and Reason**. Chicago: The University of Chicago Press, 1987.

KOVECSES, Z. **Metaphor: A Practical Introduction**. Oxford: Oxford University Press, 2002.

KOVECSES, Z. **Metaphor in Culture: Universality and Variation**. Cambridge: Cambridge University Press, 2005.

KOVECSES, Z. **Language, Mind, and Culture. A Practical Introduction**. Oxford and New York: Oxford University Press, 2006.

KRESS, G.; VAN LEEUWEN, T. **Multimodal discourse: the modes and media of contemporary communication**. London: Arnold publishers, 2001.

LAKOFF, G. **Women, fire, and dangerous things: what categories reveal about the mind**. Chicago, London: The University of Chicago Press, 1987.

LAKOFF, G.; JOHNSON, M. **Metaphors we live by**. Chicago: University of Chicago Press: 1980.

LAKOFF, G.; JOHNSON, M. **Philosophy in the Flesh: The Embodied Mind and its Challenge to Western Thought**. New York: Basic Books, 1999.

MORATO, E. M. O caráter sociocognitivo da metaforicidade: contribuições do estudo do tratamento de expressões formulaicas por pessoas com afasia e com Doença de Alzheimer. **Rev. Est. Ling.**, Belo Horizonte, v. 16, n. 1, jan./jun. 2008, p. 157-177.

MORATO, E. M. FREITAS, N. L. “A propósito da metáfora” (1975), de Luiz Antônio Marcuschi: apontamentos para uma perspectiva sociocognitiva e interacional da metaforicidade. **Revista Investigações**. Recife, v. 30, n. 2, jul./dez. 2017, p. 130-152.

MOURA, H. M. M. Linguagem e cognição na interpretação de metáforas. **Veredas** 10, 2003, p. 153-161.

MOURA, H. M. M. Desfazendo dicotomias em torno da metáfora. **Rev. Est. Ling.**, Belo Horizonte, v. 16, n. 1, jan./jun. 2008, p. 179-200.

RICHARDS, I. A. **The philosophy of rhetoric**. New York and London: Oxford University Press, 1936.

SAUSSURE, F. **Curso de Linguística Geral**. 25 ed. São Paulo: Cultrix, 2003.

SEMINO *et al.* ‘Methodological problems in the analysis of metaphors in a corpus of conversations about cancer’. **Journal of pragmatics** 36. 2004, p. 1271-1294.

SEMINO, E. ‘The metaphorical construction of complex domains: The case of speech activity in English’, **Metaphor and Symbol**, 20, 1, 2005, p. 35–69.

SEMINO, E. **Metaphor in discourse**. Cambridge: Cambridge University Press, 2008.

STEEN, G. Metaphor in applied linguistics: four cognitive approaches. **D.E.L.T.A**, n. 22, 2006, p. 21-44.

STEEN, G. **Finding Metaphor in Grammar and Usage**. Amsterdam: John Benjamins, 2007.

VEREZA, S. C. “Metáfora e argumentação: uma abordagem discursiva”. **Linguagem e Discurso**. vol. 23, 2007. pp. 487-506.

VEREZA, S. C. O lócus da metáfora: linguagem, pensamento e discurso. **Cadernos de Letras da UFF**, n. 41, 2010, p. 199-212.

VEREZA, S. C. Metáfora é que nem...: cognição e discurso na metáfora situada. **Signo**, Santa Cruz do Sul, v. 38, n. 65, jul/dez, 2013, p. 2-21.



Recebido em 31 de agosto de 2020  
Aprovado em 27 de novembro de 2020